



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com Silene Bacchi Scopel FG176

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.013.SIN e TRA

Entrevistado/a: Silene Bacchi Scopel

Entrevistador/a/es: José Teodoro

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 05 de setembro de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Religiosidade familiar: ensinamentos religiosos, orações. A força da religião entre os primeiros imigrantes italianos. A reza do terço. Usos e costumes. A importância dos padres junto às famílias.

Missas de domingo. Lazer (mulheres e crianças): atividades após as missas de domingo.

Igreja de São Brás: escolha do santo padroeiro da localidade, construção da igreja (motivo).

Festas do padroeiro (São Brás): fabricante (escolha), dia da festa, organização, comes e bebes, festejos, atrações.

Crisma: idade. Primeira comunhão: preparação, catecismo, traje.

A participação da mulher nas atividades da igreja

Transcrição:

José: Seu nome?

Silene: Meu nome é Silene Bacchi Scopel.

José: Data de nascimento?

Silene: Dezesesseis de outubro de 1931.

José: Nome do pai e da mãe?

Silene: Agheda Meschieri Bacchi e Firmino Bacchi.

José: Local de nascimento?

Silene: São Brás de Ana Rech.

José: Profissão sua?

Silene: Eu trabalhava na colônia.

José: A religião?

Silene: Católica.

José: Seus pais eram religiosos?

Silene: Eram, muito religiosos também. A minha mãe, então! Aquela a gente não podia deixar de ir à missa, porque ela já cobrava da gente, que a gente não ia na missa.

José: Que imagem de Deus os pais transmitiram aos filhos?

Silene: Ah, desde pequenos a minha mãe e o meu pai já começavam, quando começavam a entender, os filhos a entender o que era o mundo, já começavam a ensinar a imagem de Deus. Aquilo era tudo, Deus era tudo para nós.

José: Como os pais ensinavam a religião aos filhos?

Silene: Ensinavam assim, desde que começavam a conversar, que começavam a entender, começavam a ensinar a rezar o Pai-Nosso principalmente, o primeiro de tudo era o Pai-Nosso, Ave-Maria, Glória ao Pai, que eles ensinavam a rezar. Era isso ali.

José: O que representava a religião para os imigrantes e descendentes?

Silene: Muita coisa, muita coisa... [falha na gravação] o resto, o trabalho, a plantação depois. Mas antes de tudo era a religião.

José: Os filhos tomavam contato com a religião a partir de que idade?

Silene: Eu acho que desde que começavam a conversar, que começavam a entender, que sabiam o que era Deus, que existia Deus, então eles começavam a ensinar por que a gente tinha que rezar, obedecer e agradecer a Deus.

José: As orações eram ensinadas em italiano ou em português?

Silene: Em italiano, italiano. Até eu também aprendi a rezar as primeiras orações tudo em italiano, que a gente ia na igreja junto com a minha *nonna*, *nonna* por parte do meu marido, que era a Dona Ana Mazzochi. A gente ia na igreja e rezava o terço todos os domingos em italiano e no dia da Quaresma. Quando começava a Quaresma, a gente começava a rezar todas as noites e, na sexta-feira, a gente rezava a via Sacra, na igreja, todos juntos.

José: Em casa, quais os momentos que a família se reunia para rezar?

Silene: A gente não se reunia. Na minha casa não tinha esse sistema de a gente se reunir e rezar. Cada qual rezava por si todas as noites, quando a gente ia dormir a mãe recomendava: “*Fioi, vardeve de dir su oracion. Fioi, varde de pregar*” [Filhos, não esqueçam de fazer suas orações. Filhos, não esqueçam de rezar] . E quando a gente ia dormir, a coisa que a gente não podia esquecer era, assim,

quando uma pessoa tivesse ainda na cozinha, a gente não podia dormir sem dar boa noite. “Boa noite”, aquilo era o principal da noite, quando a gente ia dormir. Tivesse uma só pessoa na cozinha, a gente não podia ir dormir sem dar boa noite. Que o pai e a mãe estando na cozinha, a gente indo dormir, eles faziam voltar e dar boa noite para quem estivesse na cozinha.

José: Como a Igreja participava da vida familiar?

Silene: A Igreja; bastante, bastante, porque a minha mãe, ela trabalhou naquela igreja, lá onde eu moro em São Brás, ela trabalhou de cozinheira, assim, uns quarenta anos, eu acho lá. E ela fazia tudo, tudo por aquela igreja. Ela trabalhou bastante, bastante fazendo comida e ela gostava muito. Era uma coisa que ela gostava. Tinha missa quase todos os domingos, naquele tempo, e ela sempre fazia o bucho e ia vender lá na igreja para ter um lucro para poder a igreja ir para frente.

José: Qual a importância do padre junto às famílias?

Silene: Era muito, muito importante. Ele sempre chegava na hora que a gente precisava, que estava alguém doente, ou um batizado que a gente não podia ir na igreja, que a criança estava meio doente. Então, ele chegava ali, a gente chamava o padre e ele vinha, dava benção nas casas também, todos os anos ele dava a benção na casa e, também, agora ele passa e dá benção nas casas.

José: Como eram as missas de domingo?

Silene: As missas de domingo, lá na nossa capela eram bem assistidas. A gente cantava, rezava, mas a missa era em latim. Então, o padre ficava de costas para o povo. Rezava de costas. Ele só se virava na hora que ele dizia *dominus vobiscum*. Então, a gente respondia e *con lo espireto tuo* [*Et cum spiritu tuo*]. E era assistida assim pelo sacristão, que o sacristão é meu cunhado, na hora da consagração, ele levantava a estola do padre e batia a sineta assim..., ele sacudia o sininho e batia. Então, a gente ficava com bastante devoção nessa hora, nesse momento. E depois a gente levantava de pé, que a gente ajoelhava nessa hora, levantava de pé e a gente cantava um trequinho de um canto em italiano.

José: Após a missa de domingo o que fazia a família, os jovens e as crianças?

Silene: Isso era importante, porque as mulheres ficavam em casa. Se reuniam assim, uma com a outra, as vizinhas, e faziam café, faziam os grostoli, essas coisas, né. E a gente, gurizada, então, não tinha lugar para onde ir brincar, eles iam para os matos com as fundas, ou pegavam um carrinho, um carrinho de madeira que eles mesmo faziam, uma bicicleta, e ia uma turminha ali, outra turminha aqui brincar no morro abaixo. Então, se largavam e brincavam ali. Quando eles não iam assim para os matos, que ainda lembro, - ainda nós conversamos quando nos encontramos, mais ou menos, com os da nossa idade -, então eles iam e pediam os ovos: “Mãe me dá uma latinha e uns

ovos, nós vamos lá no mato fazer uma ovada”. Então eles iam, cozinhavam os ovos, ficavam ali brincando, comendo aquilo, né? Era um divertimento para a gurizada daquele tempo.

José: O que representava a missa de domingo?

Silene: À missa de domingo a gente ia com muito respeito, com muito..., aí se a gente faltasse à missa! Nós saíamos a pé de São Brás e nós íamos a Fazenda Souza para assistir à missa. Um grupo de jovens, a gente saía a pé no domingo de manhã e voltava no domingo ao meio-dia, sem almoço e com um sol quente. A gente assistia aquela missa e como era bom, como dava força para toda a semana. Isso era importante, muito importante.

José: Como se preparava a Festa do Padroeiro e como era escolhido o Santo Padroeiro?

Silene: Ah..., o Santo Padroeiro foi escolhido por uma pessoa de lá. Quem começou a igreja, e que é uma pessoa de lá, foi a dona Ana Mazzochi, ela fez um voto para fazer a igreja de lá. E ela começou um capitelzinho, meio pequeno, que ela queria que fosse São Brás, porque ela tinha um filho que sofria de asma, assim, ele se afogava com a asma. Então, ela fez uma promessa que se o filho dela melhorasse, ela iria fazer uma igrejinha e ia por São Brás lá dentro, porque São Brás é sobre a garganta, e como o filho dela melhorou, não teve mais asma, ela fez a igrejinha. Ela começou uma igreja pequena sozinha, a família dela só. Aí depois se formou uma sociedade, porque todos queriam fazer uma igreja grande. Todo mundo ajudou, a sociedade dali, todos ajudaram para fazer uma capela maior, que ficasse para sempre, assim como ela ainda está lá.

José: Como eram escolhidos os fabriqueiros?

Silene: Os fabriqueiros, naquele tempo, eu creio que eram ainda escolhidos por votação. Porque agora também a gente escolhe assim, porque já existia bastante sociedade lá, bastante sócios. Então, eu acho que era a mesma coisa que agora. Eu acho que era por votos, sabe? Eu acho que era assim.

José: Como se comemorava o dia do padroeiro?

Silene: Muito, muito. Porque o dia de São Brás é o dia três de fevereiro, o dia mesmo de São Brás é o dia três de fevereiro e, naquele dia, ninguém ia para a roça. Todo mundo respeitava. Se o padre não ia lá rezar a missa durante o dia, ele ia de noite, assim como ele vai agora também. Então, a gente ia, todo o mundo ia tomar a benção da garganta no dia de São Brás. Era isso, era muito festejado, tem muita devoção a São Brás.

José: Quais atividades eram organizadas no dia da Festa do Padroeiro?

Silene: Antigamente, era bom. Também agora..., é muito mais. Agora vem muito mais gente, porque o nosso salão lá tem bastante lugar. Mas, antigamente, a gente tinha pouco lugar, não tinha

pavilhão, a gente fazia assim..., um almoço, pouco almoço, mas bastante churrasco. A gente fazia aquele buraco no chão para fazer o churrasco, porque era só churrasco de gado que tinha, e depois vendiam o churrasco. Então a festa era assim bem marcada. Eu me lembro que o que me marcou mais... O senhor já fez a pergunta de marcar? Não. Então, depois eu respondo. Aquela festa de São Brás tem sempre bastante gente e é de muita devoção por causa da garganta. Nem sei, agora que pergunta que vem?

José: Quem organizava a festa?

Silene: Eram os festeiros e os fabriqueiros, porque existiam os festeiros também naquele tempo. Festeiros e fabriqueiros organizavam como era para fazer e quais eram as comidas. Porque naquele tempo a gente fazia também o almoço e não era assim que nem agora, a gente fazia galeto e churrasco. A gente fazia bife enrolado, fazia os bifés à milanesa, fazia as *polpettas* e fazia o *pien*, a sopa de *agnolini*. Todas essas coisas a gente fazia.

José: O que mais lhe marcou na Festa do Padroeiro?

Silene: Marcou muita coisa. Para mim a Festa do Padroeiro, que eu me lembro bem que nós éramos assim, moças novas de doze, quatorze, quinze anos... A primeira festa que teve lá, que marcou bastante, que nunca vou esquecer, também falo para os meus filhos, foi a festa que teve o alto-falante. Veio um rapaz de Ana Rech com um alto-falante e uns discos. E os discos que tinha eram do Pedro Raymundo, Luiz Gonzaga e o Teixeira. E assim..., eles faziam dedicatória. Dentro da sacristia ele instalou aquele alto-falante, em cima da igreja. Então, a moça que queria fazer uma dedicatória para o rapaz entrava lá e pagava, eu não sei se era um tostão ou o que era. Pagava um pouquinho e saía aquela dedicatória [risos]. E nós ali escutando, vendo quem foi que dedicou para o rapaz, qual rapaz, qual moça, a gente ficava ali. O que mais me marcou foi aquilo, que era com música, aquela do Pedro Raymundo que cantava, aquele Luís Gonzaga. Então, foi a festa que marcou mais para mim.

José: Como as crianças eram preparadas para a Primeira Comunhão e Crisma?

Silene: Para a Primeira Comunhão, para Crisma não tinha preparo. Naquele tempo, a gente crismava desde pequeninha. Depois do batismo a gente podia crismar com qualquer idade a criança, naquele tempo. Mas a Primeira Comunhão, sim. Eu já ensinei também, eu ensinei também o catecismo para os meus cunhados. A gente preparava, eles tinham que saber todo o catecismo de cor. Tinha cento e trinta e sete perguntas no catecismo e eles tinham que saber quase todas de cor. E eu também, quando eu passei a Primeira Comunhão, tinha que saber todas essas perguntas de cor. Então, era isso que a gente tinha que ensinar. Todos os meios-dias eu me fechava no quarto com

aqueles que iam passar a Primeira Comunhão, uns quinze, vinte dias antes, a gente se fechava no quarto todos os meios-dias e ia ensinar o catecismo para as crianças que iam receber a Primeira Comunhão.

José: Quais as lembranças do dia da Primeira Comunhão?

Silene: Ah..., muitas. Muitas lembranças e boas também! Eu lembro, a minha lembrança é que eu não via a hora que chegasse aquele dia para vestir aquele vestidinho branco, bonito, comprido, de morim, de morim! Que todo o tecido se chamava morim. Era um tecido assim bem fininho, bem macio, e aqueles tênis brancos e aquela grinalda, aquele véu na cabeça. Olha, a coisa mais linda que foi, foi o dia da Primeira Comunhão e o dia do meu casamento. Esse também foi o dia mais marcante, foi o dia da Primeira Comunhão.

José: Como a religião influenciou a sua vida?

Silene: Influenciou bastante. Bastante, porque se não existisse a religião, se não existissem as rezas, o que seria da gente? Então, a gente vinha para casa da roça, das lavouras, longe, longe das roças, porque a gente tinha a terra nos fundos, bem perto do rio, e subindo morro acima, e todas as noites a gente rezava o terço. Cada qual rezava por si. Nós éramos em bastante irmãos, mas cada qual rezava por si. A gente contava o terço nos dedos da mão.

José: E qual a participação da mulher nas atividades da Igreja?

Silene: Muita, muita, muita. Olha, lá no nosso lugar, se faltassem as mulheres, não é para ofender os homens, mas dentro da cozinha, as mulheres tomavam conta de tudo lá. Elas começavam desde a quinta-feira até a segunda-feira de noite, porque depois da festa a gente tem que fazer a limpeza e guardar as louças, tudo isso. Então, ali as mulheres têm muita participação na comunidade, na igreja, naquilo que pertence à igreja. A gente trabalha bastante lá para a nossa igreja e todas elas vão sempre, não tem uma que se queixa, que não vai. Todo mundo vai trabalhar para a nossa igreja lá.

José: Muito bem.

Transcrição em: janeiro de 1996.

Por: Sônia Storch Fries.

Revisão em: 20 de dezembro de 2010, 03 de janeiro de 2025 e 17 de fevereiro de 2025.

Por: Sônia Storch Fries, Graciela Deon Rodrigues e Fabiana Zanandrea.

Duração: 14 minutos.

Observação: